

O Super-insubstituível

Villas-Bôas Corrêa



O presidente José Sarney reassumiu a presidência e o dr Ulysses Guimarães encerrou mais uma interinidade — que acrescenta mais um enfeite à coleção que o projeta como um provável recordista mundial — retornando à Constituinte e às demais presidências acumuladas.

Voltamos pois, à pachorra da rotina, com os presidentes nos seus lugares, cada qual no seu canto. Mas nem o governo recuperou o seu folego modesto, em instantânea resposta à presença do titular — e que já é um vice que só agora teve definida a duração do seu mandato — e muito menos a Constituinte recuperou-se da paralisia ociosa de uma semana de repouso remunerado, na cortiça do lombreira restauradora dos desgastes das tensões de um período agitado.

Para o governo e a Constituinte a semana foi perdida. E o momento está a sugerir a oportunidade de uma avaliação crítica das verdadeiras razões que impõem a um país em crise, com a Constituinte espichando todos os prazos das sucessivas previsões sonhadoras do romântico dr Ulysses, a desperdiçar um tempo precioso e irrecuperável.

De fato, mais de uma semana. A inércia retarda a retomada do compasso e, reconheça-se, a cadência já não era grande coisa. Em todo o caso, o Executivo está à espera que Sarney assuma por inteiro as responsabilidades do desafio do mandato de cinco anos, introduzindo as novidades que se penduram em expectativas tantas vezes adiadas. Só que agora, não dá mais para deixar para amanhã.

Na Constituinte é pior, muito pior. Ela já está sendo lapidada pela demora que enerva a opinião pública e a desgasta até a baixaria da desmoralização. Na hora inaugural das ilusões, o dr Ulysses cometeu a imprudência de estabelecer prazo para a promulgação da futura Constituição: 7 de setembro do ano passado. Um imperdoável erro, incompreensível em liderança que acumula experiência, além de cargos e honorários. A Constituinte que não tinha data para terminar o seu trabalho, passou a ser vigiada com o olho no calendário. Foi um desastre. A cada cada prazo atropelado pelos avanços e recuos da pobrezinha, abandonada à própria desdita pelo escapismo oficial do PMDB, legenda majoritária e omissa, mais se impacientava a cobrança da sociedade decepcionada.

Desativada, dispersa, com os seus grandes temas polêmicos decididos e uma eleição municipal à vista, não será fácil juntar 280 votos da maioria absoluta para aprovar o restante das Disposições Transitórias e, depois, para a segunda rodada de votação. O dr Ulysses terá que se esgoelar em patéticos apelos e nas ameaças de desconto dos jetons dos ausentes — e com a voz mais fraca para a intimidação e o peso do descrédito quanto à seriedade dos seus periódicos impulsos moralizadores. O final da Constituinte descamba para a melancolia de um fecho sem grandeza, arrancado a duras penas, aos trancos e solavancos. A engrenagem não funcionava bem. Com o enguiço prolongado, desandou de vez.

A interinidade adorna a biografia dos substitutos mas é sempre um convite à valsa. Interino não pode e nem deve fazer nada além de assinar o expediente, posar para a vaidade e curtir as beiradas da mordomia e da efêmera importância.

Ora, por que cargas d'água uma curta ausência de Sarney produz um tão desatrado rebuliço, desarrumando duas casas e fornecendo motivos ou pretextos à madraçaria executiva e legislativa?

Não se trata de implicância e nem de marcação. Mas a obsessão do dr Ulysses de empilhar cargos tem muito a ver com o desarranjo. Claro que não é o único responsável. Ainda agora, as bochechas do casuismo sopram uma reforminha regimental para permitir a sua reeleição, ano que vem, na presidência da Câmara. O governo estimula o arranjo, na ânsia de ficar bem com o multipresidente e, também, pelo receio de que, nas interinidades presidenciais futuras, outro menos confiável cometa desatinos.

A restauração da democracia, que é o regime do rodízio, está assim, pelos desvios do paradoxo, empacando no culto aos insubstituíveis. Desse jeito, acabamos cancelando todas as eleições.

O dr Ulysses é o mais perfeito exemplo da mística do insubstituível. Por isso, em cima dos seus ombros magros, como em cabide, penduram-se três presidências efetivas e mais a presidência interina da República. O diabo é que são quatro cargos que exigem tempo integral e ainda parecem poucas as 24 horas de cada dia.

Presidente insubstituível do PMDB, o dr Ulysses está colhendo os amargos frutos de desagregação da legenda. Não seria justo registrar culpas na sua conta pessoal. Mas é óbvio que um partido do tamanho do PMDB, numa hora de definições, nas aberturas da Constituinte, necessita de um dirigente a ele totalmente dedicado para tentar conciliar os desafetos e contornar ou impedir o racha.

Insubstituível presidente da Câmara em recesso, numa acumulação justificada por discutível invocação do critério da racionalidade, não teve um minuto para dedicar aos problemas de uma casa complicada, com um inflacionado quadro de funcionários e, para mal dos pecados, passou a ser o substituto insubstituível do presidente Sarney nas suas ausências. Cobertor curto, em inverno de frio de bater queixo, quando puxado para descobrir o pescoço deixa os pésregelados.

A Constituinte é a tarefa do dr Ulysses na travessia democrática. A ela se entrega com obstinada e comovente dedicação, não se poupando em esforços, até os exageros que arriscam a sua saúde. Como presidente da Constituinte é, de fato e sem contestação, absolutamente insubstituível.

Mas, como uma insinuação teimosa e perversa, fica apenas a dúvida se a presidência exclusiva da Constituinte não teria facilitado as coisas, criando as condições ideais para a atuação desembaraçada do dr Ulysses, sem os constrangimentos das acumulações que não o ajudam e só o estorvam.